

# PRODUCTOS COLONIAES

XXV

(Conclusão)

## OIRO! OIRO!

Passam mais de tres seculos que as riquezas mineiras da Africa portugueza têm sido para nós um desvanecimento e uma esperança sem que, ao cabo de tão dilatado espaço de tempo e sob o impulso de opulencias appetecidas e lendarias, hoje, como ha cerca de quatrocentos annos, uma só, vasta e remuneradora exploração mineira represente a primeira tentativa, segura e séria, de lavra de minas no ultramar. Nem as amostras ficas que aqui nos chegam, não raro sem procedencia de jazigo, nem as narrativas dos exploradores, falhas de exactidão e de tecnica, embora brilhantes no excessivo deslumbramento da meridional fantasia, promoveram o estudo da situação das jazidas, das suas condições economicas e dos meios praticos d'uma exploração efficaz. Agora, como d'antes, nós sabemos do oiro e dos metaes pelo que corre: que não somos para investigações e estopadas, e o trabalho é sangue, palavra d'honra!

Ora a noticia do oiro começou a correr

para nós logo depois que Vasco da Gama encontrou em Moçambique os mercadores que, em demanda das riquezas da Índia, trocavam por ellas o oiro e outras coisas preciosas de Sofalla. Cabral, depois de descoberto o Brazil, lá foi também e mandou um certo Sancho de Toar explorar a região, onde breve se fundava a primeira capitania, mercê das noticias que, à metropole, chegavam das famosas riquezas do sertão. Em 1505 o capitão, que era Pero de Anhaya, iniciava a colonia com os aventureiros que de cá foram e se internavam n'uma desesperada cubica do oiro. Foi uma obsessão a busca do metal, crescente, dia a dia, com as novas, oraes ou escriptas, espalhadas em Lisboa.

«Estando nós n'esta Ilha (Moçambique), conta Thomé Lopes na sua «Navegação ás Indias Orientaes» (1502), foi-nos affirmado que tinham hido á Capitania certos Mouros honrados, que aqui habitavão, a cumprimentar o Capitão; aos quaes elle perguntou muitas cousas a respeito da mina de Cofala; e perante muita gente que allí se achava, responderão, que com toda a certeza havia então hum grande guerra no lugar donde vinha o ouro, e por este motivo não podia chegar n'aquella occasião; porém que havendo paz podem-se extrahir da mina dois milhões de mitigaes, valendo cada mitigaal hum ducado, e hum terço; e que os annos passados, estando o paiz pacifico, as naus de Meca, de Judá e de muitos outros logares, tiravão da mina os ditos dous milhões: disseram mais que tinham livros e escripturas antigas, por onde consta que a mina donde ElRei Salomão tirava de ouro era esta mesma; e que a Rainha Sabá, que levou a este Rei hum grande presente, era natural dos portos da India.»

Em 1516, Duarte Barbosa falava de Sofalla no seu «Livro» e dos mouros que, de ha muito, lá residiam, trocando as mercadorias que vinham da Índia pelo oiro trazido pelos indigenas.

«... hos Mouros de Cofala goardauaom estas mercadorias, e has uendiaom depois ha hos Genticos do Regno de Benametapa (Monomotapa) que aly uinhaom carr-gados dovro; ho qual ovro lbe dauaom ha troquo dos ditos panos sem pezo, em tanta cantidade que hem ganhaom cento por hov.»

Outras noticias escriptas e as narrações dos marinheiros que voltavam determinaram, ao tempo de D. Sebastião (1569), uma expedição de 1:000 homens (entré os quaes muitos fidalgos avidos de oiro) commandada por Francisco Barreto, já nomeado, de cá, *conquistador das minas de Monomotapa!* Pois levou 38 annos a alcançar-se a doação das minas famosas, morto de ha muito o primeiro commandante e alguns dos seus successores, e depois dos mais tragicos successos, desde as intrigas e as campanhas mais duras até á extenuação das forças pelas febres, pela miseria e pela comprehensão, emfim, da carencia de recursos e habilitações para a lavra! O mestre de minas Albarado, que com um pelotão de 20 mineiros segue em pesquisas mais tarde (1631), não pode proseguir os seus trabalhos iniciados com fortuna: os piratas infestavam a costa, Angola caiu nas mãos dos hollandezes e, além dos trabalhos de defeza que então começaram a ser a preocupação natural e exclusiva, iam, da decadencia e calamidades do reino, as mais dolorosas noticias.

Extintos os recursos para conservar, sequer militarmente, as minas de oiro, prata, cobre, ferro e chumbo que o imperador indigena nos doara, a actividade portugueza toma um dos dois rumos: ou vai para o Brazil ou trafica damnadissimamente na escravatura. E das minas da Africa oriental fica-nos quasi que a lenda ou informações officiaes como estas: «Muchanacha, mina de oiro de 240 leguas de extensão... Danga, mina de cobre de 300 leguas de extensão...» o que «sae inteiramente fora das marcas de um disparate supportavel», commentava, n'uma conferencia, Lourenço Malheiro.

Na Africa occidental não nos corre melhor a fortuna. Citára-se a incalculável riqueza das minas de prata de Cambambe, e Paulo Dias de Novaes, que em 1574 fôra como governador para Angola, consegue, depois de muitas luctas, apossar-se da região, abandonando-a finalmente por falta de gente e por falta de dinheiro. Outras tentativas sem exito, a febre, a guerra e a miseria dizimando sempre, acabam, por fim, com a fundação d'um presidio no logar tam disputado; mas antes que se incie a exploração, como do outro lado do continente, surge a febre do trafico dos escravos!

A semelhante esterilidade estão condemnadas tentativas posteriores: a lavagem das alluviões auríferas do Lombige, mandadas pôr, por um decreto (1761), «em perpetuo esquecimento» (!), e o encerramento da fabrica de fundição do Golungo Alto (1772) organizada para aproveitamento do ferro de Massangano, cujas minas, segundo um «Relatorio» official, «mais deveriam chamar-se serras.»

Ha vinte e tantos annos (1869), «para que não se desbaratem os copiosos tesouros que encerra aquelle solo privilegiado», legisla Rebello da Silva a exploração mineira em Angola e Moçambique, accentuando que «a industria mineraria exige cuidados, sacrificios e perseverança que não se compadeciam com a cubica impaciente dos que tiravam lucros exorbitantes de especulações menos trabalhosas.» Mas é breve frustrada a tentativa do ministro, como breve foi reconhecido, alterando-se radicalmente os principios e contextura do decreto de 69, como o novo decreto do sr. Barros Gomes, de 1888.

Averiguando-se como inadequavel e pouco pratica a legislação vigente ao tempo e sendo certo que varios estrangeiros, com importantes interesses nos formidaveis campos auríferos do Transwaal, não alargavam a exploração dos nossos territorios pelo excesso de formalidades que se lhes exigia e pelas delongas consequentes, o novo decreto sobre a exploração de pedras e metaes preciosos na provincia de Moçambique tinha em vista corrigir os primitivos defeitos e attrair para a colonia algumas das vantagens alcançadas no sul oriental da Africa.

A um tempo, o relatorio accusava os ultimos registos: em 1887 eram declaradas 20 minas no districto de Lourenço Marques, sendo 7 de carvão, 10 de oiro (alluviões), 1 de quartzo aurifero, 1 de prata e 2 de diamantes; nas terras de Matolla tinham-se descoberto 2 de carvão, diamantes e pedras preciosas; a 15 milhas da affluencia do Sabi com o Incomati, na margem direita do primeiro d'estes rios, na margem esquerda do segundo e nos serros junto ao Libombo, registára-se officialmente a descoberta de oiro! Com semelhante riqueza de conhecimento recente e com o mais que se sabia, estabelecer prescripções favoraveis á lavra era mais que opportuno e urgente.

E Angola? N'esta provincia, cujo reconhecimento devia, segundo Malheiro, preceder o das outras possessões por mais completos serem, de lá, os conhecimentos geograficos, tambem ha noticias modernas de amplas riquezas: oiro no Golungo Alto, em Caconda, em Quillengues e na Huilla; prata na Jinga, cobre em Ambriz; Encoge, Novo Redondo, Pungo Andongo, Dombe Grande e Mossamedes; chumbo em Mossamedes; ferro em Cazengo, no Golungo Alto, em Pungo Andongo, em Lenza, em Gambos; enxofre no Dombe Grande; petroleo (betume) no Dande, Golungo Alto e Novo Redondo; sal-gemma, nas margens do Quanza; carvão, em Mossamedes, etc.

Pois muito bem: se é certo que, por in-



formações e amostras, tão ampla se denuncia a riqueza mineira da Africa, são por igual seguros e autenticos os dados acerca do exito das explorações? Em grande parte, na quasi totalidade, pouco se conhecem as condições economicas dos principaes jazigos. E não é por isso, pela insufficiencia dos nossos limitados reconhecimentos geologicos e mineiros em Africa, pela geral «cubiza impaciente» dos portuguezes, que nada vale, em face da riqueza annunciada, a exploração das minas nas colonias, a conquista do oiro?

Porto:

ROCHA PEIXOTO.